ZH ZERO HORA

Publicado em 01/08/2022 - 05:54

Estado apresenta queda de 23% no registro de armas no semestre

Gaúchos compraram menos armas no primeiro semestre

BRUNA VIESSERI
bruna.viesseri@zerohora.com.br

Os moradores do Rio Grande do Sul compraram menos armas no primeiro semestre de 2022 do que no mesmo período do ano passado. A queda é indicada por números obtidos junto à Polícia Federal do RS, que mostram a compra dos equipamentos por parte de pessoa física e registrada junto à PF em solo gaúcho.

Na comparação, foram 8.046 armas deferidas pela PF no RS entre janeiro e junho de 2021, contra 6.167 no mesmo período de 2022, o que representa baixa de 23% na aquisição dos itens.

Para a Polícia Federal do RS, a queda indica uma estabilização na compra do armamento: quem tinha interesse em adquiri-lo, já o fez, e agora os números passam a se manter estáveis.

A pauta armamentista voltou com força aos holofotes em 2018, sendo uma das bandeiras da campanha presidencial de Jair Bolsonaro. Nos últimos anos, a gestão do presidente fez alterações e flexibilizou o acesso ao armamento. Uma das mudanças foi a ampliação do número de armas adquiridas tanto pelo cidadão comum, quanto pelos caçadores, colecionadores e atiradores (CACs).

Análise

O coordenador do Centro de Pesquisa em Direito e Segurança (Cepedes), Fabricio Rebelo, avalia que a queda é natural, já que o Estado gaúcho está, historicamente, entre os que têm maior número de armas no país.

– Essa corrida armamentista, por assim dizer, não é tão significativa em locais que já eram mais armados – avalia Rebelo.

O pesquisador afirma ainda que a queda também pode ter relação com o aumento significativo do desemprego e a consequente baixa do poder aquisitivo, reflexos da pandemia de covid-19.

Para a diretora de Pesquisa do Instituto Igarapé, Melina Risso, é preciso aguardar mais tempo para verificar se a diminuição ocorreu de maneira pontual.

– Quando analisamos o monitoramento, observamos que, entre 2018 e 2021, a aquisição de armas novas por pessoas físicas na PF no Estado quase quadruplicou.

Registro de armas novas no RS

Fonte: Polícia Federal

JEFFERSON BOTEGA

Elisabete pratica tiros em um estande para escolher qual item irá adquirir

Após sequência de assaltos, bancária faz treinamento

O treinamento em um clube de tiro foi a alternativa escolhida pela bancária Elisabete Franco Alles, 44 anos, após passar por ao menos três ataques criminosos desde 2000. No último caso, em 2017, teve carro, notebook, celular e demais itens pessoais levados em um assalto, à luz do dia, em Canoas, na Região Metropolitana.

Ela conta que, na ocasião, iria visitar uma amiga, que havia passado por cirurgia. Elisabete relata que estacionou em frente à residência e desceu do carro, e foi abordada por um homem ao atravessar a rua.

– A gente, enquanto mulher, acaba sendo vista como alvo mais fácil, por ter menos força física, fica mais visada. Teve também uma vez que assaltaram a agência onde eu trabalhava, levaram dinheiro, celulares de quem estava lá, agrediram uma funcionária – explica Elisabete.

A bancária conta que optou pelo curso que capacita para uso de pistola e revólver. Agora, segue praticando tiros no estande, para escolher qual arma irá adquirir.

– Procurei essa capacitação porque também queria me sentir mais segura em casa, por morar próximo de uma região de risco. Esse treinamento aperfeiçoou o que eu já sabia sobre técnicas de segurança. É muito positivo, percebo que estou ainda mais atenta, observando ainda mais as orientações para evitar passar por assaltos e ações do tipo.

Mulheres em alta na prática

Proprietário da Magaldi Escola e Clube de Tiro, em Porto Alegre, Dempsey Magaldi afirma que o local não sentiu queda na procura por serviços neste ano. O estabelecimento trabalha com comércio de armas e também oferece treinamento para uso dos equipamentos, além de estandes para a prática de tiro por esporte.

Por outro lado, Magaldi afirma que percebeu uma maior dificuldade, por parte do consumidor, para adquirir os equipamentos, em razão da retração econômica vista em todo o país. Para amenizar esse impacto, o local passou a adotar alternativas: tem flexibilizado parcelas e prazos para pagamento.

– O que a gente percebe é a questão econômica, de uma dificuldade no poder aquisitivo. As pessoas têm procurado produtos mais em conta. Então, em vez de uma arma mais sofisticada, escolhem um equipamento com menor custo, mais barato. Essa troca de um tipo de arma por outro ocorre, mas a compra segue acontecendo – afirma o proprietário do clube de tiro.

Magaldi afirma ainda que, desde o ano passado, observa uma mudança no público do local, com aumento de mulheres na procura por armamento e capacitação. No clube, que funciona desde 1978, a média histórica de participação feminina girava em 20%. Hoje, o número chega a 40%. Ele aponta o período de pandemia como um divisor para as alunas:

– Teve gente que se mudou para a praia, para a Serra, para propriedades mais afastadas. Outras passaram a trabalhar em home office, mais isoladas. Para muitas mulheres, isso traz uma sensação de vulnerabilidade, de que estariam sozinhas diante de uma invasão, um assalto a propriedade, por exemplo. Então, elas têm buscado formas de se proteger em um momento de necessidade.

O empresário ressalta, no entanto, que comprar o equipamento não garante mais segurança. Segundo ele, é preciso saber como e quando agir e até quando não usar o equipamento:

– Mesmo estando armado, nem sempre o confronto é a melhor opção – resume.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Segurança pública **Pagina:** 22

Copyright © Clipclap 2025.